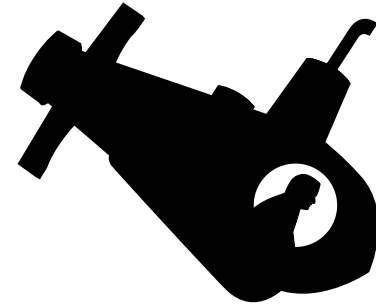


PEDRO MEXIA



PROVA DE VIDA

(diários 2004-2006)

LISBOA:

TINTA-DA-CHINA

MMVII

LUZ INDIRECTA

Nem sempre gostamos de um escritor pelas mesmas razões que levam um amigo a gostar de Kafka. Mas deste todos gostamos pelas mesmas razões. Não sabemos dizer exactamente quais são? Mas «exactamente» não faz sentido. Só a luz indirecta faz sentido.

CATOLICISMO

Os pais, católicos, deram com ela lendo a *Bíblia*. E perguntaram: «Estás bem? Passa-se alguma coisa?»

O SOPRO DO CORAÇÃO (I)

Periodicamente, jornais e revistas fazem listas dos «maiores» filmes, romances, discos. Percebo o lado canónico da operação, mas interessa-me pouco. Os «maiores» ou os «melhores» discos, romances ou filmes não são necessariamente os mais importantes para nós. Posso gostar muito de *Citizen Kane* (e nem sou um grande fã), mas para mim foi muito mais importante *Paris, Texas*. Reconheço que a *Guerra e Paz* é um monumento, mas tenho mais afecto pelos *Cadernos de Malte Laurids Brigge*. E Nick Drake, para mim, vale quinhentos álbuns dos Beatles.

AMANHECE

Acontece algumas vezes, não muitas: amanhece e estou encostado na cama, acordado, terminando um livro ou um texto. Sinto-me

estranho. Sinto-me mal. E não devia. Se tivesse coragem, devia ser sempre assim: ficar com um texto ou um livro até que viesse a luz. Com ou sem metáfora, pouco importa.

O SOPRO DO CORAÇÃO (2)

Reconheço em *Citizen Kane* todos os méritos que a crítica há décadas tem apontado. Mas não há nada em *Citizen Kane* que me comova como o começo e o final de *Touch of Evil*, do mesmo Orson Welles. Nada que me tenha tocado como esse plano-sequência que parece prolongar-se pela nossa vida adentro, essa cena na ponte, tão desesperada, tão negra, tão irremediável. Para mim, *Touch of Evil* é maior que *Citizen Kane*. E esse «para mim» é o único critério que (me) interessa.

KURT, DEZ ANOS

Não se trata de saber porque tiveram os Nirvana tamanha importância para mim: suponho que foi pelas mesmas razões que muitos outros, por fazerem Pixies com letras sofridas, REM com rai-va punk, metal melódico. Mas ainda não sei explicar exactamente porque me custou tanto a morte de Kurt Cobain, faz hoje dez anos. Poucas vezes a morte de um desconhecido me deixou assim prostrado. Fiquei tristíssimo com a morte de Kieslowski, mas nada que se compare. Quando, num sábado de 1994, me disseram que Cobain tinha dado um tiro na cabeça, pensei que o próximo tiro era para mim. Tinha 21 anos, Kurt tinha 27. Eu estava na merda, por razões banais, e o louríssimo estava na merda, por razões graves. A morte — e essa que chegava assim — era gémea do meu fantasma maior, do meu amigo mais duradouro, dessa palavra que não quero escrever. Nada sei sobre o sofrimento de Kurt, sobre a existência de Kurt, sobre a sua miséria e revolta. Nada na sua biografia rima com a minha. Mas a morte rimava. E eu era um adolescente, mesmo que a adolescência tivesse passado. O fim

dos Nirvana? Nem pensei nisso. Pensei na morte de Kurt, na morte que não espantamos com canções ou outras fantasias, porque não lhe podemos escapar quando nos marcou. O sofrimento sublimado em arte? Não: o sofrimento acabando em nada. Num tiro na cabeça. Num doce refúgio. Doce e porco. Cabrão. Foi o que pensei, no início: matou-se? Cabrão. Mas não. Nada disso. Nem cobardia nem coragem. Como escreveu outro dos meus autores: «tudo isto mete nojo». E se mete nojo, faz sentido. O tiro, ou o que seja. Morre-se? Não se morre. Morre o corpo, ou o corpo sobrevive. As coisas correm bem. Ou mal. Depende de quem define uma coisa e outra. Mas, no fim, nada é absurdo como parece para aquele que morre: nem a sua própria morte, que quem morre não conhece porque está irremediavelmente fora de si. Fora do mundo. Eu sei. Eu também morri em 1994. Há dez anos. E estou agora aqui a escrever isto.

A BÍBLIA DE KAFKA

São legião os escritores influenciados pela *Bíblia* (Northrop Frye tem um interessante ensaio sobre o tema); mas raros autores são literariamente *tão bons como a Bíblia*. Dessa heresia Kafka era capaz: a parábola do guardião da porta é ainda mais poderosa, que, digamos, o livro de Job.

KAFKA RI

Muitas vezes, quando estava a ler os seus textos aos amigos, Kafka não continha as gargalhadas. Não creio que fosse uma blague nem um acto teatral. Podemos facilmente rir com Kafka, como podemos facilmente rir com Beckett. Mas quem ri com um ou com outro aceitou primeiro uma grande dose de desespero.

RESSUSCITOU

Há quem acredite que Cristo ressuscitou, há quem não acredite.

Mas todos os homens de boa vontade que viram *Ordet* acreditam que Inger ressuscitou.

BIG DEAL

O Homem-Aranha trepa pelas paredes acima. Chamam a isso, imaginem, os seus «poderes». Grande treta. Se eu fosse namorado da Kirsten Dunst trepava pelas paredes nas calmas.

CANINOS

Há mulheres lindas porque têm (por exemplo) os olhos lindos. Mas só Kirsten Dunst é linda por causa dos dentes caninos.

JARMUSCH (1)

Há grandes cineastas que nunca serão «da minha família». Mesmo que me fascinem alguns dos seus filmes, não pertencem à família Fassbinder, Resnais, Rossellini ou Coppola. Em contrapartida, mesmo nos filmes «menores», sou da família Scorsese, Schrader, Wenders, Bresson. E da família Jarmusch também.

JARMUSCH (2)

Coffee and Cigarettes é um filme em episódios. Uma brincadeira conceitual. Um exercício de estilo. Mas também um agregado de ludismos, preguiças, minimalismos. Raramente um filme de Jarmusch me encheu as medidas (com exceção de *Ghost Dog*), mas em todos encontro um «*less is more*» que me é (cá está) «familiar», e que tem contornos que me arriscaria a chamar «morais». *Coffee and Cigarettes* é «sobre» café e cigarros, sobre pequenos prazeres, sobre a conversa mole, sobre coisa nenhuma. Mas há quase sempre um ponto que me atrai em cada cena (melhor diria: em cada *sketch*). Bill Murray a fazer de Bill Murray. Os dois velhos beckettianos a delirar com o passado e a morte, com Mahler em fundo. A brilhante sátira ao *ethos* de Hollywood, desempenhada com verve por Alfred Molina e Steve

Coogan. Tom Waits a espiar se uma *jukebox* tem ou não canções de Tom Waits. Ou mesmo a mulher lindíssima que simplesmente não quer mais café, porque espera, porque não quer conversa, porque está farta da sedução, por razão nenhuma. Um filme menor? Certamente. E certamente um filme *dos meus*. Da família.

CONVERSA

As mulheres «que nos seduzem com a sua conversa». É uma categoria que elogiamos, para nos arrogarmos um atestado de maturidade. Infelizmente, é quase sempre mera teoria.

Eu sou imensamente seduzível pela conversa. E imensamente seduzível pelas mulheres, de todas as maneiras imaginárias. Mas nunca aconteceu que uma mulher «me seduzisse pela conversa». Sou um tenebroso machista, dirão. É possível.

Mas, reconheço, há mulheres que, «pela sua conversa», criam uma espécie de jogo de sedução. Não quero concretizar essa sedução, mas nem sempre fico imune ao jogo. Há mulheres com quem simplesmente me apetece conversar. Dou um exemplo. Acho que Dido (essa mesmo) deve ser uma mulher interessante para conversar. A sua beleza não é demasiado canónica, tem traços escorreitos, claros, um pouco maduros, um pouco tristes, um pouco acima de tristeza.

Dou outro exemplo. Algumas mulheres da blogosfera são assim. Num mundo estatisticamente masculino, dão cartas com a sua sedução brincada, ou arrapazada, ou desconstrutiva, ou citacional. E resulta, pelo menos comigo. Por mim, aliás, podemos ir tomar café. Mas a verdade é que as mulheres «com conversa» costumam preferir homens bonitos. Faz sentido: se «têm conversa» é porque não são parvas.

QUASE HOMENAGEM AOS UHF

«Fui de rapaz até homem» é um pouco exagerado, e além disso, às vezes, também se dorme.

MATURIDADE

Quando era miúdo, achava que a maturidade acontece no momento em que percebemos que fracassámos. Quinze anos depois, acho que a maturidade é o momento em que percebemos que fracassámos *e nos portamos como se isso não importasse*.

FÍSICA

O sucesso das pessoas atraentes não é uma ideologia, uma convenção, uma tendência. É uma lei imutável da física. Tão fascinante como patética.

ÉTICA DA TAMPA

Até a guerra tem uma ética. Até a guerra tem a convenção de Genebra. Apenas a tampa não tem uma ética. As pessoas são amadas e tratam quem as ama como macaquinhos amestrados.

MIÚDAS

Gostar de miúdas muito novas é compreensível.

Gostar de miúdas *infantis* é imperdoável.

OLHO DE VIDRO

Oh well, my best friend

Took a bullet through his eye

First he had a patch

Now he's got a glass eye
 One hard, glass eye
 He says sometimes he wishes
 Both his eyes were glass
 (Smog, «It's Rough», *Wild Love*, 1995)

MUITO MAL

Vou ao dentista, ao dermatologista, ao dietista. Vou ao estomato-
 logista, ao oftalmologista, ao ortopedista. Vou ao otorrino, ao car-
 diologista, ao urologista. E todos olham dois minutos para mim e
 logo sentenciam: «Isto está muito mal.»

MONÓLOGOS

Nunca me interessei pelos *Monólogos da Vagina*. Conheço muito
 bem os monólogos do pénis e acho uma chatice.

CONCEITO

Tentar lembrar-me do momento em que o amor se tornou para
 mim apenas um *conceito filosófico*.

CONQUISTAS DE ABRIL

D. diz, com alguma razão, que agora *todas as miúdas são giras*.

SESSÃO LEGISLATIVA

Mudar de página nos amores como quem muda de sessão legisla-
 tiva.

NELLY FURTADO

Gareth: [...] One of them is an absolute stunner.
 David: What's your definition of stunner?
 Gareth: Looks like Nelly Furtado, but not as annoying.
 (*The Office*, série 2, cena cortada)

DESEMPENHO

Até em situações muitíssimo castas um tipo sente a angústia da
performance.

TEMA

O meu maior sonho é ser monotemático.

SÉCULO

O meu maior sonho é sair do século XIX.

SONHOS

Não tenho realmente sonhos, mas estados avançados de sonam-
 bulismo.

BRYAN FERRY

David Walliams, argumentista e actor na brilhante comédia te-
 televisiva *Little Britain*, é um homem com imenso sucesso com as
 mulheres. Recentemente, um entrevistador perguntou-lhe qual a
 figura pública que mais admirava. Walliams respondeu qualquer
 coisa como isto: «Esta é a parte em que dizemos que é o Nelson
 Mandela e o Dalai Lama, não é?» David revelou então que a pes-
 soa que mais admira é mesmo Brian Ferry. Compreendo. O Dalai
 Lama é um santo homem. Mas ninguém quer *ser* o Dalai Lama.

GELO

Há uma expressão inglesa que gostava que existisse em português:
 «andar sobre gelo fino» (*walking on thin ice*). É que é essa a expres-
 são que agora mais me convém.

AULA DE LÓGICA

I. A liberdade é muitíssimo importante.

2. Uma pessoa apaixonada não é uma pessoa livre.
3. Que se lixe a liberdade.

PATHOS

Mando uma mensagem a um amigo: «o excesso de *pathos* é quase sempre divertido». É um sms sobre Bill Callahan. Mas talvez seja um sms sobre mim.

NICKNAME

Tântalo.

CONFESSIONALISMOS

Recebo comentários preocupados ou incomodados com os meus posts «confessionais». Já escrevi várias vezes sobre esta violenta incomodidade face ao registo pessoal, uma incomodidade que não cessa de me espantar. E já expliquei que os meus textos assumidamente *peçoais* e mesmo *intimistas* quase nunca são *confessionais*. Um texto confessional é um texto que fornece informações de facto, enquanto os meus posts só transmitem estados de espírito (meus ou alheios).

Julgo que algumas pessoas que se incomodam com o suposto conteúdo confessional dos posts *gostavam que o conteúdo fosse confessional* (não é). Quando eu escrevo sobre «estar apaixonado», as pessoas supõem que *eu* estou apaixonado, o que é uma suposição sem provas nenhuma.

O chamado confessionalismo é, muitas vezes, apenas *wishful thinking* dos leitores.

ELA

Uma *delicadeza desembaraçada*.

JUVENTUDE

Além do mais, *Youth* é uma narrativa de Joseph Conrad.

REGRESSIVO (1)

Se o coito é o acto regressivo por excelência (o regresso ao útero e tudo isso), como é que se pode usar «regressivo» como insulto?

REGRESSIVO (2)

Apenas repito o passado. Não acho isso mais regressivo que ver um álbum de fotografias.

ETIMOLOGIA

Estar «cheio de Deus» não pode ser mau.

AULA DE CÓDIGO

1. Quem já circula na rotunda tem prioridade.
2. Não há aqui nenhuma rotunda.

O ENCONTRO ÀS ONZE

O telefone toca. Uma voz desconhecida pergunta se me esqueci do encontro às onze. Não me lembro de nenhum encontro às onze. Nem creio conhecer a pessoa que me telefona. Mas presumo que o lapso seja meu, gajo distraído que sou. Vou a galope ao tal encontro.

Quando chego ao sítio combinado (às 11h40), a pessoa que me ligou e que está sentada à espera não esconde o seu espanto. Não nos conhecemos pessoalmente, mas ela sabe quem eu sou. No entanto, explica que me ligou por engano. A sua intenção era ligar a outro tipo (que tem o mesmo nome próprio que eu). Mas enganou-se na chamada.

O outro tipo (e não eu) esqueceu-se do encontro às onze.

NO COMMENTS

A palavra «privar» significa «tirar qualquer coisa a alguém» ou «conviver com alguém».

Índice Onomástico